

Ferdinand Tönnies e o romantismo trágico alemão: revisitando um clássico esquecido

Brand Arenari

Doutorando em sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)

Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo dos Institutos Superior de Ensino do Censa (ISECENSA)

Resumo

A crise atual da sociologia remete-nos a novas análises dos seus pensadores clássicos. A obra de Ferdinand Tönnies (1855-1936) encontra-se nos fundamentos da tradição sociológica alemã e, portanto, antecede e influencia fortemente o pensamento de ilustres autores como Georg Simmel e Max Weber. O projeto de sociologia de Tönnies desenvolve-se num período de transição e ruptura, situado historicamente entre os filósofos iluministas como Hobbes e Rousseau e a construção da sociologia como ciência. Este trabalho, partindo da análise das categorias psicológicas e sociológicas do pensamento de Tönnies - respectivamente, Vontade Essencial (*Wesenwille*) / Vontade Arbitrária (*Kürwille*) / Comunidade (*Gemeinschaft*) / Sociedade (*Gesellschaft*) -, traçará um breve perfil da sociologia alemã no final século XIX e início do século XX, buscando trazer ao debate atual da sociologia as contribuições deste pensador original.

Correspondência:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ
Telefone: +55 (22) 2726.2727
Fax: +55 (22) 2726.2720
www.isecensa.edu.br
e-mail: isecensa@isecensa.edu.br

Palavras-chave

Teoria Social, Sociologia alemã, História da sociologia, Ferdinand Tönnies

Ferdinand Tönnies and the tragic germany romantism: revisiting one forgotten classic

Brand Arenari

Doctorate's student in sociology for Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)

University teacher of graduation in Arquitetura e Urbanismo dos Institutos Superior de Ensino do Censa (ISECENSA)

Abstract

The current crisis of sociology sends to us new analyses to it of its classic thinkers. The workmanship of Ferdinand Tönnies (1855-1936) places in the beddings of sociological tradition German and, therefore, it strong precedes and it influences the thought of illustrious authors as Georg Simmel and Max Weber. The project of sociology of Tönnies develops in a period of transition and rupture, situated between the enlightens philosophers as Hobbes and Rousseau and the construction of sociology as science. This work, leaving of the analysis of the psychological and sociological categories of the thought of Tönnies - respectively, Essential Will (Wesenwille)/Arbitrary Will (Kürwille)/Community (Gemeinschaft)/Society (Gesellschaft) -, will trace a brief profile of German sociology in final century XIX and beginning of century XX, searching to bring to the current debate of sociology the contributions of an original thinker.

Correspondence:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ
Phone number: +55 (22) 2726.2727
Fax: +55 (22) 2726.2720
www.isecensa.edu.br
e-mail: isecensa@isecensa.edu.br

Key works:

Social Theory, Germany Sociology, History of sociology, Ferdinand Tönnies

Introdução

Discorrer sobre as tradições do pensamento na sociologia obriga-nos a uma análise das escolhas e elaborações epistemológicas a partir das influências culturais que cada tradição sofreu. A sociologia, enquanto olhar sobre o mundo surgido no processo da modernidade, é também um de seus produtos. Do mesmo modo que Jessé Souza (2000) afirma que não há *Modernidade*, mas *modernidades*, afirmamos que, não há *Sociologia* e sim *sociologias*. No caso particular da Alemanha e de seu processo singular de modernidade a sociologia enfrentou duras hostilidades no seu surgimento.

Diferentemente da vizinha França, que vivia um período eufórico com o progresso da ciência, atribuindo um papel quase *divino* aos métodos racionais de calculabilidade, frutos do avanço da técnica, a Alemanha seguia um caminho diametralmente oposto. Enquanto o positivismo fazia escola racionalizando todas as instâncias da vida, desde a política à religião, promovendo uma *corrida cientificista*, na Alemanha viravam-se as costas a todo este movimento, demonstrando um profundo desprezo a tudo que se propusesse reduzir a complexidade da vida a sistemas racionais que, segundo os artistas e filósofos alemães, se apresentariam apenas como aproximações teóricas grosseiras. Como afirmara o próprio Max Weber (1864-1920):

“As estruturas do pensamento da ciência são um domínio subjetivo de abstrações artificiais, que com mãos ávidas buscam extrair sangue e sumo da vida real, sem todavia jamais conseguir.” (LEPENIES, 1996: 244)

Tendo em vista esse quadro, podemos entender que . . . *o movimento alemão era um movimento de poetas e pensadores, mas não de “hommes de lettres” e cientistas.* (LEPENIES, 1996, p: 204) Existia uma preocupação excessiva em relação à busca da essência da vida que influenciou toda poesia, filosofia e ciência. Para a tradição germânica dominante, a vida era dotada de sutilezas que somente a sensibilidade extraordinária de um poeta poderia perceber, e o sentimento seria o instrumental mais perfeito para a exposição dos assuntos da vida. Dilthey afirmava que a poesia permite um mergulho na alma, na “essência” e, não apenas na “aparência” do fenômeno histórico. Permite a visão de processos mentais, como também do universal e do atemporal. O discurso científico criara uma linguagem própria, desse modo distanciando-se do profundo entendimento imediato dos homens e, do mundo. O cálculo frio, as equações matemáticas e os métodos rígidos de descrição da realidade negligenciariam a linguagem da vida, dotada de toda uma cadência, onde “musicalidade e paixão” se faziam presentes.

O natural e o artificial, a natureza e a cultura, o sentimento e o pensamento são antinomias muito presentes no imaginário da cultura alemã, antinomias estas que se originam em Kant, na discussão sobre *o mundo da natureza e o mundo da liberdade*, que encontrou eco em Fichte e Schelling, como também em outros pensadores. Neste debate, a poesia era tida como pertencente ao mundo natural, ou seja, fluía do imo do homem, e a ciência, ao contrário, era elaborada, criada, daí artificial.

Esta visão de mundo chega até Tönnies (1855-1936), que cria suas categorias sociológicas dentro desta tradição. Para ele, enquanto a comunidade (*Gemeinschaft*) era produto do desenvolvimento natural, das relações de

parentesco, por exemplo, a sociedade (*Gesellschaft*) era produto da ruptura, e isso mostrava o seu caráter artificial. Para Tönnies, as relações características da *Gemeinschaft* eram marcadas pela proximidade e intensidade, o que não ocorria na *Gesellschaft*, onde predominava a rarefação e extensionalidade. Isso se devia a falta de fortes elos de ligação que proviriam do mundo natural.

Uma outra peculiaridade alemã em relação à Europa ocidental, fruto destas antinomias, é a oposição entre poesia e literatura. Na Alemanha, poesia e literatura se diferem substancialmente no conteúdo, na essência, de maneira que a poesia provém da alma, do sentimento enquanto a literatura, do pensamento. Eram elementos estranhos, opostos um ao outro. *A língua era tanto um fenômeno social quanto natural: nesse sentido, a literatura fazia parte da sociedade, mas a poesia da natureza.* (LEPENIES, 1996: 220)

Na citação acima visualizamos o peso semântico das palavras *sociedade* e *natureza* na tradição alemã. A sociedade representa a artificialidade que se coloca como *alien* ou estranha à alma humana. Ela é uma organização artificial ao desenvolvimento da natureza. Neste sentido a poesia soa como a voz da vida, da essência, enquanto a literatura é apenas uma descrição ou uma aproximação forçada da vida. Essa crítica é endereçada à literatura francesa do Realismo e Naturalismo que, para os alemães, criava monstruosidades através de uma cega busca pela descrição do real, do cotidiano, que nunca realmente se alcançava. O que denota esta posição de forma mais clara é a definição de Simmel (1858-1918) a respeito de um dos maiores poetas alemães. Ele afirma que Stefan George é o “*anti-Naturalismo*” por excelência. (WAIZBORT, 2000: 423)

A ciência social enfrentava, como não poderia ser diferente diante do quadro

narrado nos parágrafos acima, um clima de completa hostilidade. A palavra sociólogo era associada a algo que poderíamos chamar de “empacotadores da vida”, homens destituídos de sensibilidade poética que procuravam criar formas para o etéreo, tornar estático o dinâmico, o fluido e fugidio pulsar da vida. Esta visão um tanto quanto caricatural, era difundida pelos sentimentalistas, pelos radicais do movimento romântico alemão, que encontravam no Círculo de George o *ethos* deste pensamento de asco à razão e à ciência. Assim como a literatura peremptoriamente criticada era a das escolas do Realismo e do Naturalismo, nas ciências sociais a crítica recaía sobre as tradições do utilitarismo inglês e do positivismo francês, em especial sobre este último devido à valorização extremada dos métodos das ciências naturais no campo das ciências humanas. O pensamento estabelecido entre os poetas encontra exemplo na afirmativa de Lepenies sobre Dilthey: . . . *o objetivo de Dilthey era o de proteger a filosofia da “radicalização cientificista” e manter e fortalecer a autoconfiança das ciências humanas , numa época “embriagada pelas ciências naturais”.* (LEPENIES, 1996: 214)

A sociologia talvez tenha sido a mais hostilizada das ciências na Alemanha, devido a essa perseguição sofreu transformações que delinearão suas singularidades tão marcantes em relação à contribuição da Europa Ocidental. Dentre os sociólogos alemães, George Simmel destacou-se como a melhor representação desta sociologia nascente, que se caracterizava por sua pouca separação entre a poesia e a filosofia. A postura poética de Simmel foi um dos fatores que o afastou da universidade como lócus por excelência de sua expressão intelectual . Sua valorização da intuição, sua escrita ensaística primando pela estética artística fez dele, um judeu-alemão, um caso atípico na cultura alemã ao mesmo tempo em que não

era um poeta, também não era aceito nos círculos acadêmicos.

Já Ferdinand Tönnies demonstra na utilização massiva da psicologia as marcas deixadas pela tradição alemã. Seus conceitos de Vontade, (Kürwille e Wesenwille), denotam a tentativa de achar na vida interior (psicológica) do indivíduo os pressupostos do desenvolvimento das formas de socialização. No pensamento tonniesiano há um estreito laço entre a psicologia e a sociologia, a segunda é sustentada pelos argumentos da primeira, e há um terceiro elemento, a filosofia, onde ambas (psicologia e sociologia) estão assentadas. Diferentemente da sociologia francesa, que encara a sociedade como algo de caráter extra-individual que rege os indivíduos, Tönnies busca no próprio indivíduo as bases das configurações sociais. Max Weber encontra-se em posição de maior distanciamento dos círculos poéticos, tendo em Simmel o elo que ligeiramente o aproximava da figura de Stefan George¹. Sua sociologia demonstrará a maturidade do pensamento sociológico enquanto ciência. Em sua obra é consolidada a tradição do voluntarismo (sentido da ação social) unida a uma visão decadentista de mundo; o espírito trágico do processo da modernidade que marca a singularidade da sociologia alemã mostra, também, o caminho marginal que a Alemanha trilhou com “sua modernidade”.

Em relação à sociologia alemã, diríamos que, na ausência de hierarquias rígidas entre as causas econômica e cultural (multicausalidade), poderíamos citar a tardia emergência da burguesia e a não divisão do trabalho intelectual como relacionados ao quadro do surgimento da sociologia na Alemanha. Na França, por exemplo, havia uma clara divisão do trabalho intelectual, de maneira que a ciência se separava da

filosofia; as ciências naturais impunham seus métodos de observação e indução às ciências sociais que, apesar de terem que provar ter um *objeto próprio* a fim de se afirmar como ciência, impregnavam-se das noções de “evolução” e “sistema” oriundas da física e da biologia. A sociologia na França, portanto, distanciava-se das humanidades e se enclausurava em postulados de neutralidade e cientificidade onde não havia espaço para a especulação filosófica. Por sua vez, a Alemanha não vivia esta experiência, mantendo a filosofia unida a qualquer atividade do pensamento, seja na arte quanto na ciência. Isso conferiu à sua sociologia fortes traços de preocupações existenciais, como queria o círculo de George. Havia entre os georgianos e Alfred Weber uma vontade de transformar a sociologia em uma ciência existencial.

“A crítica de Alfred Weber à sociologia acadêmica, acusando-a de ter-se perdido na sistematização e catalogação e sua pretensão de fazer dela novamente uma ciência existencial, devia parecer aos georgianos a observância de seus próprios princípios.” (LEPENIES, 1996: 287)

Os traços qualitativos na sociologia alemã moldaram-na quase como uma outra ciência, de programas alternativos aos originados do movimento iluminista, formando “sociologias”, como a de Tönnies que estudaremos mais detalhadamente no presente trabalho.

O pensamento de F. Tönnies

O entendimento do pensamento tonniesiano requer um olhar voltado para as

¹ Poeta do simbolismo alemão que formou um círculo em seu entorno, conhecido como Círculo de George. Suas influências foram demasiadamente grandes em sua época.

sutilezas dos relacionamentos do homem em sociedade, caso contrário, sua obra aparece como um simples olhar ingênuo sobre a realidade. Por trás do Romantismo e de uma nítida preferência sobre as relações marcadas por um sentimentalismo quase lírico, Tönnies descreve nitidamente as polaridades das organizações societárias, demonstrando não somente a sua forma como aglomerados humanos, mas principalmente o que fundamenta essas aproximações, as motivações, portanto. Diferentemente de Weber que recusava a psicologia, apesar do paradoxo contido em suas afirmações de que a sociologia buscava compreender o sentido das ações sociais, do qual tentava escapar observando que o sentido das ações sociais estudadas era apenas aquele compartilhado por mais de uma pessoa, logo, cultural e histórico; Tönnies trazia a psicologia como rico e eficaz instrumental teórico para desvendar o universo sociológico.

Harry Cohen ao falar sobre Tönnies² descreve-o como um arauto de uma nova sociologia humanística, dada a valorização tonniesiana dos sentimentos presentes na *Gemeinschaft*. Esse apelo sentimentalista faz com que sua obra apenas seja entendida pelos caminhos que perpassam a *Gemeinschaft*, cujas relações humanas se pautam por uma lógica antiutilitarista.

Ferdinand Tönnies surge ao lado de Max Weber e George Simmel como os mais genuínos representantes da tradição sociológica alemã, marcados por suas singularidades expressivas que se materializaram na fundação da Sociedade alemã de Sociologia.

“Lowy chama Tönnies de o verdadeiro fundador da sociologia

moderna alemã. . Para Lowy, as conceituações de Tönnies, devem muito ao romantismo e podem, com certeza, ser localizadas dentro de um universo mental de anticapitalismo romântico. Entretanto, Tönnies e os outros sociólogos alemães também divergiam dos românticos, porque não viam nenhuma saída na volta às formas passadas de comunidade, e resignadamente viam o capitalismo como inevitável, adotando, portanto, uma visão “trágica” do conflito insolúvel entre “comunidade” e “sociedade”. (NIELSEN, 1995:164)

Assim como os outros citados, Tönnies percebe a modernidade dentro de uma perspectiva decadentista, sobretudo em relação ao aspecto ético-espiritual, suas análises sobre a *Gemeinschaft* e *Gesellschaft* deixam transparecer esse espírito sombrio em relação à modernidade, a *Gesellschaft* é o distanciamento do homem de sua própria essência (*Wesen*), e de tudo que lhe é natural, para dar lugar à artificialidade da sociedade.

A clara compreensão dos significados de *Gemeinschaft* e *Gesellschaft* apresenta-se como o maior desafio do pensamento tonnesiano e, é o que vem sendo debatido desde os primórdios de sua obra. A simples tradução dos termos respectivamente para *comunidade* e *sociedade*, não esgotam a dimensão dos conceitos elaborados por Tönnies. Acreditar que o significado das palavras comunidade e sociedade na língua portuguesa possam elucidar com eficácia o que é proposto por Tönnies, é um erro. É

² COHEN, Harry.

A idéia de “Gemeinschaft” rumo a uma nova sociologia humanística.

mister entender a concepção tonnesiana de sociologia, para somente depois mergulhar na profundidade de suas categorias sociológicas.

Tönnies afirma, que a sociologia é antes de mais nada uma disciplina filosófica e, tal vocação, exige dela a formulação de conceitos que se transformem em instrumentais para a análise da sociedade. A sociologia em Tönnies é dividida em três categorias distintas: a primeira é a **sociologia pura**, que utiliza estritamente a abstração teórica e tem a função de elaborar conceitos e categorias fundamentais; a segunda é a **sociologia aplicada**, utilizando o método indutivo, esta se ocupa da adaptação dos conceitos e das categorias fundamentais na realidade; e por último a **sociologia empírica**, que se baseia na observação e utiliza os resultados da sociografia e da demografia, valendo-se do método dedutivo. Desse modo, os conceitos *comunidade* (*Gemeinschaft*) e *sociedade* (*Gesellschaft*) representam significados diferentes, nas distintas *sociologias* tonnesianas. O não entendimento deste detalhe ocasionou em interpretações errôneas do pensamento de Tönnies. *Para teoria “pura”, no sistema de Tönnies, entende uma teoria estática de conceitos; por teoria “aplicada”, uma teoria dinâmica do processo histórico.* (CAHNMAN,1995:88)

Outro ponto de extrema importância a ser entendido é a elaboração dos *tipos-formais*. Nos moldes do *tipo-ideal* weberiano³, os *tipos-formais* tonnesianos não encontram correspondência concreta no mundo real, são aproximações ideais de padrões de comportamento coletivo. O

recurso metodológico surge como uma ferramenta intelectual para a compreensão da realidade social, mesmo que não encontre correspondência objetiva. Este é o sentido mesmo do conceito.

Na segunda edição de “Comunidade e Sociedade”, publicada em 1912, Tönnies acrescenta um subtítulo, esclarecendo que *Gemeinschaft* e *Gesellschaft* são categorias fundamentais da *Sociologia Pura*, deixando claro o objetivo de seu uso. O que é preciso entender nas polaridades conceituais propostas por Tönnies é que os *tipos-formais* construídos são caricaturas das polaridades de formas societárias, proponho que a *Gemeinschaft* seja entendida como a idealização e isolamento de padrões de comportamento que desfrutam de *afinidades eletivas* e que estão mais próximos à vida em comunidade e, o mesmo ocorre com a *Gesellschaft* em relação à sociedade. Como já foi dito a *Gemeinschaft* é uma força, uma forma de se relacionar e ver o mundo que não existe em si, na concretude, mas somente no mundo do espírito (*geist*). A tradução para comunidade negligencia o verdadeiro sentido. No nosso entendimento, comunidade só pode ser utilizada para se referir a *Gemeinschaft* na sociologia aplicada, ou seja, a que cuida do processo histórico e não da formulação de conceitos. O sentimento ou a força que aproxima a mãe do seu filho é uma manifestação do sentimento de *Gemeinschaft*, é o sentimento que predomina na comunidade, mas que também pode existir na sociedade, assim como o sentimento de *Gesellschaft* também pode existir na comunidade, mas nunca será predominante.

³ Provavelmente foi M. Weber que foi influenciado por Tönnies na sua elaboração de *tipos-ideais*. “É sobretudo na obra de Max Weber que as intuições de Tönnies recebem seu mais claro e fecundo desenvolvimento. Deve ser considerado como um desenvolvimento de uma intuição tonnesiana o conceito weberiano de ‘tipo-ideal’ (mesmo se Tönnies preferisse falar do ‘tipo-normal’)” MERLO, Valério. *Rumo à sociologia rural Vontade e estrutura social no pensamento de Ferdinand Tönnies*. In: MIRANDA, Orlando (Org.). *Para Ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.

Gemeinschaft e *Gesellschaft* representam os tipos-formais de sociabilidade nas sociedades tradicionais e pós-tradicionais respectivamente.

Os conceitos que se tornarão chaves analíticas no pensamento tonnesiano encontram suas bases epistemológicas na tradição pré-sociológica do pensamento alemão. O termo comunidade (*Gemeinschaft*) já representava a noção de coesão entre os indivíduos, o que não ocorria com o termo sociedade (*Gesellschaft*), que se opunha à noção de sociabilidade, simbolizando a separação, desunião e, por conseguinte, impessoalidade na obra de Tönnies. Para esclarecer a escolha dos termos comunidade (*Gemeinschaft*) e sociedade (*Gesellschaft*), Ferdinand Tönnies demonstra o peso semântico destes.

Como narra Tönnies, freqüente utilizamos o termo comunidade quando nos referimos a associações de crença, associações conjugais, logo nos expressamos como “comunidade da Igreja”, “comunidade de bairro”, “comunidade doméstica”. Quando as associações são mais impessoais nos expressamos como “sociedade de negócios”, “sociedade científica” e etc. Deste modo, Tönnies explicita que no dia-a-dia já se deixa transparecer as oposições existentes entre as formas de associação humana, permitindo um primeiro olhar sobre a construção de suas categorias sociológicas.

“Existem comunidades de língua, costumes e crenças, sociedades científicas, de viagens ou negócios. . . A comunhão de bens entre marido e mulher não pode ser chamada de sociedade de bens. E dessa forma, vai se estabelecendo inúmeras distinções entre os termos.”
(TÖNNIES, 1995: 232)

As expressões *orgânico* e *mecânico*, tão familiares às discussões da sociologia clássica, que tem em Emile Durkheim seu expoente mais notório, também já estão presentes no pensamento de Tönnies, porém com os significados distintos. A percepção da oposição entre as sociedades tradicionais e pós-tradicionais dá-se de maneira inversa entre o pensamento de Tönnies e Durkheim, isso se deve aos seus respectivos olhares em relação aos impactos da modernidade na vida social. Tönnies vê a modernidade dentro da ótica pessimista da tradição alemã, enquanto Durkheim analisa-a sob a visão do otimismo no progresso, dentro dos moldes positivistas. Para Tönnies, a sociedade (*Gesellschaft*) é fruto da ruptura, é artificial, daí entende-se o seu caráter *mecânico*, onde as relações não correspondem à naturalidade da comunidade (*Gemeinschaft*), Tönnies associa o natural ao *orgânico*, vida vivida na sua essência, ou seja, em harmonia com a natureza. Já Durkheim, entendia a sociedade industrial de modo tão *natural* quanto a vida tradicional.⁴

A descrição da noção de comunidade (*gemeinschaft*) no pensamento tonnesiano assenta-se pela percepção da função da memória na formação das organizações societárias da espécie humana. Segundo nosso entendimento da obra de Tönnies, é a memória comum é a organizadora da coesão social. É por ela, e não por outro fator que os homens mantêm-se ligados uns aos outros, por sentimentos que se subdividem em duas instâncias. A memória da *Gemeinschaft* é a memória filogenética, aquela que não pertence exclusivamente ao indivíduo, mas é compartilhada com toda sua comunidade, ou com sua espécie numa ótica *stricto sensu*. As duas concepções de memória filogenética estarão presentes na organização psíquica e social da comunidade

⁴ A publicação da *Divisão do Trabalho Social* de Emile Durkheim, onde pela primeira vez aparece a noção de solidariedade orgânica e mecânica foi no ano de 1896, sendo assim após a primeira edição de *Comunidade e Sociedade* (1887).

(*Gemeinschaft*). Primeiramente, as influências do instinto, de tudo que está visceralmente ligado à condição animal do humano, estas memórias orgânicas que nos são impressas pela nossa condição animal, transmitidas por gerações, que trazemos independente de nossa vontade. A *Gemeinschaft* é caracterizada pelo seu aspecto natural, onde os processos de relação adquirem procedimentos orgânicos. Tal maneira de agrupamento não poderia se evidenciar melhor do que na família, onde os laços consangüíneos são devidamente fortes para que isso ocorra. O outro tipo de memória também compartilhado por todos e, devido a isso, incluído na categoria de filogenética, que reforça o sentimento de unidade na *comunidade (Gemeinschaft)*, é a memória que não é da espécie, não é oriunda de nossas heranças genéticas que, chamaríamos de memória cultural. Esta é fruto das experiências comuns da vida, tanto na família quanto na comunidade, varia tanto entre os hábitos alimentares quanto a religião ou as formas de coerção social.

“Quanto à comunidade de memórias e profissões, é ela que dá origem aos colegas, às associações políticas, econômicas, religiosas, nas quais encontramos unidos todos aqueles que devotam as mesmas funções, têm as mesmas crenças e sentem as mesmas dificuldades”. (ALDOUS, 1995:114)

É por estas duas formas de memória filogenética que os indivíduos se sentem num estado de “comum-unidade”, de pensamento e ação, e segundo Tönnies, é fruto disto que vivem em uma harmonia social que se estabelece dentro destas relações naturais, de caráter orgânico.

“A própria relação, assim como resultante, é concebida como uma

vida real e orgânica — característica essencial da comunidade (Gemeinschaft). . . tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido em conjunto, como veremos será entendido como a vida em comunidade”. (TÖNNIES, 1995: 231)

A memória comum na *Gemeinschaft* é construída dentro da lógica de duas relações estruturais; a que se refere à vida pessoal e, a que se refere à vida social, muito embora o social e o pessoal estejam pouco separados na *comunidade*. Dentro das relações pessoais, Tönnies divide três relações que, segundo ele são as que promovem a unidade na *Gemeinschaft*. A relação entre mãe e filho, a relação conjugal (homem e mulher) e a relação entre irmãos, estas formam o tripé que sustenta a força da *comunidade*, e como não poderia ser diferente, devido ao que já afirmamos anteriormente estão centradas no seio da família. Os outros modos de relação que chamamos de sociais, também está subdivida em três outras relações; as que se estabelecem por *parentesco*, as que se formam entre *vizinhos* e as que são frutos da *amizade*. Todos estes fatores explicitados nas duas formas de relações estruturais (pessoal e social), convergirão para *determinação da unidade completa das vontades humanas, de um estado primitivo e natural que se preserva – a despeito da separação empírica, e conservando-se apesar dela – caracterizando-se diversamente segundo a natureza das relações entre os indivíduos diferentemente condicionados.* (TÖNNIES, 1995: 234/235)

No seio da família, ou seja, na relação entre mãe e filho, homem/mulher e entre irmãos, o fator biológico também exerce grande influência, sendo o elemento propulsor da união, que por outro lado amadurece fruto

das experiências compartilhadas no cotidiano. Segundo Tönnies o instinto direcionará estas aproximações. Na relação conjugal, o desejo sexual aproxima os conjugues, mãe e filho estão primeiramente ligados por relações de instinto e prazer. Estas relações viscerais são o primeiro momento de uma história vivida junto, experiências comuns que ocasionará em resultados comuns, no pensamento e na vontade. Todavia, Tönnies ressalta que relações baseadas apenas no instinto não são estáveis, a de acrescentar *a memória base para surgimento, a conservação e consolidação dos laços espirituais*. (TÖNNIES, 1995: 236)

No outro lado das relações, aquelas que se estabelecem fora do círculo familiar mais estreito, outros elementos contribuirão para a formação da memória comum. O que se evidenciará será a proximidade geográfica, seja na casa, ou na aldeia, ou na vila, quanto a união pela amizade, esta será mais estável, mais diferirá muito das outras.

“O parentesco tem a casa como berço e corpo. A vida é comum sob o mesmo teto protetor. . . A vizinhança é o caráter geral da vida comum. . . A amizade distingue-se do parentesco e da vizinhança, pela semelhança a partir das condições de trabalho ou no modo de pensar”. (TÖNNIES, 1995: 239/240)

A *Gemeinschaft* como forma natural de sociabilidade é uma mescla de sentimentos de proximidade entre os homens, que muito se aproximam de descrições do pensamento de Rousseau, os homens que se pautam na *vontade essencial (Wesenwille)*, estão unidos por sentimentos duradouros de cooperatividade e solidariedade. Na definição de Valério Merlo sobre a *comunidade tonnesiana*, esta significa:

“. . .um agregado de consciências tão aglutinadas entre si que nenhuma pode mover-se independentemente dos outros; um modo comum de sentir e de querer que mantém unidos os indivíduos que vibram em uníssono; os usos e os costumes e a tradição regulam a vida do grupo.” (MERLO, 1995: 122)

No caso da *Gesellschaft* ocorrerá a inversão de todos os valores e mecanismos de sociabilidade que estiveram presentes na *Gemeinschaft*. Tudo que flui como acordes harmônicos de uma música clássica, no caso da *Gemeinschaft*, aparece como alaridos dissonantes na *Gesellschaft*. A naturalidade, a unidade e a cooperação darão lugar ao artificial, ao desencaixe e a competição, como formas estruturais de relacionamento humano.

“Em teoria, a sociedade consiste em um grupo humano que vive e habita lado a lado de modo pacífico, como na comunidade, mas, ao contrário desta, seus componentes não estão ligados organicamente, mas organicamente separados. Enquanto, na comunidade, os homens permanecem essencialmente unidos, a despeito de tudo que os separa, na sociedade eles estão separados, apesar de tudo que os une”. (TÖNNIES, 1995: 252)

A força que une os indivíduos na forma de sociabilidade da *Gemeinschaft* é invertida na *Gesellschaft*. Ao invés de se unirem e se reconhecerem como comuns naturalmente, estes se repelem. Os que dividem um quarto num cortiço de uma metrópole se reconhecem menos dos que vivem numa mesma aldeia ou vila.

Enquanto na *Gemeinschaft* a cooperatividade permeia a relação entre os indivíduos, na *Gesellschaft* o pensamento utilitarista é dominante, o agir estritamente racional dos seus membros impede qualquer forma de relação descompromissada com o permanente acúmulo individual. A vontade individual separada da vontade coletiva, ou seja, a transformação da *Wesenwille* em *Kürwille*, faz com que os indivíduos pensem exclusivamente em si mesmos, criando um estado de hostilidade, nos moldes de uma sociedade hobbesiana. Podemos afirmar que o homem no estado de natureza hobbesiano é para Tönnies o “tipo-formal” do homem da *Gesellschaft*. Tönnies inverte o processo hobbesiano, o seu “homem” da *Gesellschaft* é o homem no estado de natureza, a *sociedade* é a arena onde ocorre a luta de todos contra todos. Segundo Tönnies, a vida nesta concepção, é vivida com um “negócio” diferente da *comunidade* onde a vida é vivida como uma “vocação”.

Tudo ganha ares de artificial e de mecânico na *sociedade*, inclusive a própria coesão social. A noção de *Gesellschaft* em Tönnies é a de um *ethos* completamente desprovido de uma consciência coletiva que una os indivíduos, esse papel de coesão, é exercido somente pela presença do Estado. O que era regulado pelos costumes, pela religião que era comum a todos, necessita agora de leis que emanem do Estado e controlem os indivíduos. Neste momento que Tönnies expressa o seu pessimismo em relação à modernidade.

“Com uma coerção completamente artificial, ela é capaz de restringir, por um tempo, todas as contradições internas, todas as discordâncias que trabalham dentro da sociedade, mas cedo ou mais tarde elas acabarão por estourar. Só há poder verdadeiro na medida em que ele representa

idéias comuns, os interesses comuns”. (MERLO,1995:117)

Tönnies demonstra uma preocupação recorrente na história do pensamento social, como dar conta da coesão social em uma sociedade pós-tradicional? Como fazer com que os homens convivam em harmonia se seus interesses se tornam cada vez mais individualizados? Em outro momento trataremos destas perguntas em Tönnies, o que nos interessa agora é perceber o caráter artificial da vida em *sociedade*, onde Tönnies prevê o surgimento de Estados totalitários massacrando as individualidades.

A vida em *sociedade* é marcada por uma tensão velada, os homens afastados de sua essência, ou seja, deslocados de sua origem, da vida regulada pela natureza, sentem-se desconfortáveis existencialmente, uma sensação muito próxima a qual Freud chamaria de *Mal-estar da Civilização*.

A mudança das formas societárias são acompanhadas por mudanças na natureza humana. Ao lado das categorias sociológicas, Tönnies desenvolve seu sistema de categorias psicológicas, analisando a transformação das percepções de mundo e da forma de agir dos homens, e as motivações individuais das ações. A teoria das Vontades Humanas complementa a teoria tonnesiana sobre o desenvolvimento das associações humanas. Tönnies é um dos poucos sociólogos onde estas duas categorias analíticas se unem. É importante entender em Tönnies que o social não perde suas particularidades, mesmo que se origine das relações interindividuais. As perspectivas psicológicas e sociológicas mantêm-se vivas sem que uma sobrepuje a outra. Em Durkheim a psicologia é relegada a um simples impacto da sociologia, no “interacionismo simbólico” a uma valorização extrema do indivíduo numa visão psicologizante, já em Tönnies estas duas ciências se encontram num todo integrado.

Assim como *comunidade* (*Gemeinschaft*) e *sociedade* (*Gesellschaft*) representam as categorias sociológicas, *Vontade Essencial* (*Wesenwille*) e *Vontade Arbitrária* (*Kürwille*) representam as categorias psicológicas. A *Vontade Essencial* será a forma predominante de vontade na *Gemeinschaft* e o mesmo ocorrerá com a *Vontade Arbitrária* e a *Gesellschaft*. A primeira representará a sintonia da consciência humana com a natureza, já a segunda, será o resultado da ruptura desta unidade.

A *Vontade Essencial* (*Wesenwille*) será caracterizada por todas atitudes espontâneas da vida humana, atitudes que ocorrem sem que aja uma premeditação sofisticada, onde a objetivação de fins não esteja muito clara. A motivação é dada em função de uma organicidade, — entendendo aí organicidade como a harmonia da natureza —, e não os desejos particulares. Há na *Vontade Essencial* (*Wesenwille*) uma forte influência do corpo na motivação das vontades.⁵ Inversamente ao pensamento estabelecido na Europa ocidental, o instinto não representa apenas algo negativo, mas positivo na sociabilidade humana, na medida que este (instinto) é depositário da memória da espécie, conferindo unidade a mesma. Esta vontade pautada no instinto que se manifesta no prazer, é a primeira instância das três “*subvontades*” que formam a unidade da *Vontade Essencial*, Tönnies chama-a de **Vontade Vegetativa**, definindo-a como:

“O desejo inato por certos objetos ou atividades é, na natureza humana, o instinto animal geral, que se denomina prazer. O conceito explica tudo o que não pode ser

explicado senão pelo desenvolvimento e crescimento normal da constituição física e psíquica derivada da herança genética. Trata-se, portanto, de um complexo de tendências orgânicas que permeiam e dominam a vida, a atividade, o pensamento e a energia do homem.” (TÖNNIES, 1995: 278)

A outra “*subvontade*” que compõe a *Wesenwille*, a **Vontade Animal**, que contém a substância do animal e do humano, se manifesta na formação dos hábitos, que são frutos da experiência e o desenvolvimento das imposições da vida animal. A alimentação, sendo uma imposição da natureza para a permanência e o desenvolvimento da vida, no homem torna-se hábito, dividido em refeições básicas, em especialidades culinárias, hábitos que provem da natureza e são desenvolvidos pelo homem, não transformados, como na *Vontade Arbitrária* (*Kürwille*).

“Em princípio, todavia, onde a inclinação primitiva constitui hábitos, o que foi originalmente agradável passa a confortável e objeto de estima. Os modos de agir particulares baseados no prazer tornam-se mais rápida e intimamente habituais; um determinado modo de vida (e o ambiente natural), assim como um tipo de alimentação, agradáveis ao animal, passam a hábitos e tornam-se finalmente indispensáveis”. (TÖNNIES, 1995: 280)

Por fim, a *Vontade Essencial* se consolidará com o elemento mais importante

⁵ Neste momento percebemos a influência de A. Schopenhauer, o corpo é dotado de um “saber”.

da *Gemeinschaft*, o que fundamenta o caráter de unidade nas relações, a memória, a qual já analisamos anteriormente. A memória é a expressão da terceira e última “*subvontade*” da *Wesenwille*, a **Vontade Mental**. Embora a memória esteja presente nas outras “*subvontades*”, é na vida mental que atinge se estágio superior, porque é um desenvolvimento das primeiras. *Se a memória é, ao mesmo tempo, satisfação mental e hábito, o hábito é uma forma inferior (animal) de memória, e o prazer, a forma elementar (orgânica geral) de memória.* (TÖNNIES, 1995: 283)

Na *Vontade Arbitrária* (*Kürwille*) a espontaneidade será substituída pelo cálculo objetivo, o pensamento que estava a serviço da vontade, estará na *Vontade Arbitrária* direcionando a vontade, como afirma Bellebaum: *A Wesenwille é “a vontade que contém pensamento”, e a Kürwille, “o pensamento que contém vontade”*. (BELLEBAUM, 1995:79)

Tönnies divide a *Vontade Arbitrária* em três partes, da mesma maneira com que faz com a *Vontade Essencial*; **Reflexão**, **Conveniência** e **Conceito**. Estas três formas estarão menos definidas que as da *Wesenwille*. Na primeira, o prazer que representava o impulso elementar da vontade e, por conseguinte a base primeira da ação, se tornará algo mensurável, quantitativo, será reduzido à oposição da dor. As ações humanas estarão calculadas entre o prazer e a dor.

“Todas as propriedades específicas do prazer e do desprazer desaparecem como imaginárias e irrealis, transformadas em diferenças quantitativas e, assim, no caso normal, coloca-se o prazer e a dor apenas como quantidades opostas.” (TÖNNIES, 1995: 285/286)

A **Conveniência**, traduzida por outros autores como o desejar, é mais uma característica da querer autônomo da *Vontade Arbitrária*. Somente a vontade individualizada pode desejar algo para si. Desejar bens, ascensão social, isto necessita da premeditação, da ação que objetiva fins, enfim, vontades que segundo Tönnies apenas existem na *Vontade Arbitrária*.

Por fim, o **conceito** é a autonomia máxima do pensamento, elabora um outro sentido para a realidade, cria modelos inexistentes para entender o real, é *um produto puro do pensamento*.

“Na reflexão, o próprio pensamento recobre a ação que se realiza. A convivência diante do pensamento aparece como um objetivo a que se subordinam as muitas particularidades. Finalmente, o conceito deixa indeterminada a execução da ação, considerando-a somente como uma conseqüência de sua própria conformação, do pensamento em si mesmo”. (TÖNNIES, 1995: 286/287)

Na teoria das vontades, Tönnies deixa explícito o juízo de valor que faz entre as duas formas de vontade. Para ele, a *Vontade Essencial* (*Wesenwille*) é a que contém os fundamentos para a harmonia social, Tönnies encara a *Wesenwille* como a manifestação da verdadeira natureza moral do homem.

“Quando o comportamento do indivíduo é comandado pela vontade essencial, isso resulta em uma harmonia com os valores da moral natural, exprime bondade natural do homem, sua sociabilidade, sua inclinação ao altruísmo. Enquanto, quando é comandado pela vontade arbitrária, o comportamento do

indivíduo se torna egoísta, utilitarista.” (MERLO, 1995:126)

Mesmo ante seu pessimismo em relação à vida em *sociedade*, Tönnies ainda acredita que a força na *Gemeinschaft* que timidamente sobrevive à vida vivida como um “*negócio*”, possa possibilitar uma nova organização social após o colapso do sistema anterior.

Considerações finais

O pensamento de Tönnies, da mesma maneira que a sociologia de Simmel, ressurge na atualidade como alternativa aos caminhos trilhados pelos clássicos do panteão restrito da sociologia, leia-se Karl Marx, Emile Durkheim e Max Weber. A releitura dos formadores do programa da sociologia alemã abre portas para análises da sociedade que não tiveram suas bases epistemológicas diretamente ficadas nos pressupostos do iluminismo.

Sobre os auspícios de uma outra concepção de racionalidade (auto-reflexiva), constituída a partir do *aufklärung*, a sociologia alemã nos apresenta uma visão da sociedade que não está contida no estruturalismo francês, tão pouco nas análises microssociológicas. O desgaste destas duas últimas teorias está intrinsecamente relacionado à crise da sociologia. A primeira que foi hegemônica durante grande parte do século XX, ao entrar em crise acabou dando espaço apenas para os estudos microssociológicos, basicamente inspirados nas teorias utilitaristas da Inglaterra (o *homo economicus*). A releitura

dos clássicos alemães aponta para uma “saída” da crise de respostas que passa a sociologia, sem que se precise unilateralmente optar pelas teorias da “*rational choice*”.

No caso específico de Ferdinand Tönnies, as singularidades de maior expressão se estabelecem em relação à introdução da psicologia e da biologia nas ciências sociais. Estas duas ciências que tem um histórico de relação traumática no campo da sociologia, marcado por exageros e discursos que por vezes objetivavam fins outros que não o conhecimento, e desse modo transcenderam os limites éticos, causam uma sensação de repulsa no primeiro contato ao sociólogo menos atento. No entanto, a discussão entre a dicotomia natureza/cultura ressurge na sociologia, agora como ponto nevrálgico que possibilita a superação da crise da instalada, na medida que esta discussão põe a sociologia em “xeque”.

Tönnies nos apresenta uma relação com a biologia diferenciada da qual estamos mais afeitos. Diferentemente de Hebert Spencer e, qualquer outra forma de “*biologismo social*” ou de aproximações grosseiras com o darwinismo. Por não estar diretamente influenciado pelo iluminismo, Tönnies não está envolto em um clima de *hibrys* do querer dominar a natureza, nem mesmo propõe a dominação do instinto pela razão, pelo contrário, vê na natureza o contraponto ao exagero racionalista. Mesmo em estado pouco sofisticado para os avanços contemporâneos, Tönnies abre espaços para uma discussão de uma possível continuidade entre natureza e cultura, diferente da ruptura ou da suplantação da cultura sobre a natureza.⁶

⁶Os estudos de biólogos e filósofos não ligados à sociologia como Matt Ridley (*As origens da virtude*, 2000), J. R. Searle (*Mente, Linguagem e Sociedade*, 2000), Maturana & Varela (*A árvore do Conhecimento*, 2000) ou mesmo Richard Dawkins que esboça uma hipótese para uma teoria da cultura no capítulo 11 do livro “*O Gene egoísta*” (1976) se mostram insuficientes ao fazer relações entre natureza e cultura. Repetindo análises funcionalistas e utilitaristas que não apresentam conteúdos realmente consistentes ao olhar rigoroso de um sociólogo.

Na psicologia, Tönnies vai além das radicalizações que o uso desta ocasionou algumas vezes nas ciências sociais. Como foi dito no presente trabalho, a psicologia em Tönnies se encaixa ao todo integrado de sua obra, não ocupando todo o espaço e reduzindo o olhar sociológico, e, muito menos, negando a participação do indivíduo na formação do processo social.

Reavaliar a sociologia, primando pela sua vocação explicativa das relações em sociedade, ao contrário das análises mais recorrentes, é o “outro caminho” que a revisão da obra de Ferdinand Tönnies nos oferece.

Bibliografia

- ALDOUS, Joan. *O intercâmbio entre Durkheim e Tönnies quanto à natureza das relações sociais*. In: _____MIRANDA, Orlando (Org.). *Para Ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.
- ARENARI, Brand & MIGLIEVICH RIBEIRO, Adélia Maria. *A modernidade sob o prisma da tragédia: um ensaio sobre a singularidade da tradição alemã*. Revista de ciências humanas da universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis: EDUFSC, ano 22, n. 35, p.57-77, abril de 2004.
- BELLEBAUM, Alfred. *Ferdinand Tönnies*. In: _____MIRANDA, Orlando (Org.). *Para Ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.
- CAHNMAN, Werner J.. *Tönnies e a Teoria das Mudanças Sociais uma reconstrução*. In: _____MIRANDA, Orlando (Org.). *Para Ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.
- LEPENIES, Wolf. *As Três Culturas*. (tradução Maria Clara Cescato). São Paulo: Edusp, 1996.
- LEVINE, Donald N.. *Visões da tradição sociológica*. Tradução, Álvaro Cabral: consultoria Renato Lessa. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- MERLO, Valério. *Rumo à sociologia rural Vontade e estrutura social no pensamento de Ferdinand Tönnies*. In: _____MIRANDA, Orlando (Org.). *Para Ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.
- MIRANDA, Orlando (Org.). *Para Ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.
- NIELSEN, Donald A. *Os conceitos de Lei Natural de “Comunidade” e “Sociedade”*. In: _____MIRANDA, Orlando (Org.). *Para Ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.
- SELANSKI, Wira. *Correntes da Literatura Alemã*. Rio de Janeiro: Ed. Velha Lapa. 1997.
- SOUZA, Jessé. *Modernidade Seletiva: Uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora Unb, 2000.
- TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidad y Sociedad*. Buenos Aires: Ed. Losada, 1947.
- TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidade e Sociedade*. In: _____MIRANDA, Orlando (Org.). *Para Ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.
- WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.